

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO ÉTICA DO FUTURO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO NO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO: UMA LEITURA SOBRE A PEDAGOGIA DE IMMANUEL KANT

SOCIOLOGY OF EDUCATION AND THE ETHICAL TRAINING OF THE PROFESSIONAL
FUTURE OF EDUCATION IN THE DEMOCRATIC STATE OF LAW: A READING ON
IMMANUEL KANT'S PEDAGOGY

Geová Nepomuceno Mota¹

RESUMO

O objetivo desse artigo é estabelecer uma relação do que é trabalhado na Sociologia da Educação e o estudo em torno da formação ética do futuro profissional da educação no Estado Democrático de Direito, uma leitura sobre a pedagogia de Immanuel Kant”. É importante perceber as contribuições da abordagem sociológica na temática da ética profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia; Educação; Pedagogia; Kant; Ética profissional.

1 INTRODUÇÃO

A apresentação e reflexão das principais correntes da sociologia da educação, no decorrer do curso, da disciplina Sociologia da Educação, proporcionaram uma leitura bem aplicada do que representa para a educação uma análise social de todo o processo, na relação ensino e epistemologia.

O objetivo desse trabalho é estabelecer uma relação do que foi trabalhado na disciplina Sociologia da Educação e o projeto de pesquisa, “A formação ética do futuro profissional da educação no Estado Democrático de Direito: Uma leitura Sobre a Pedagogia de Immanuel Kant”. É importante perceber as contribuições da abordagem sociológica na temática da ética profissional.

A primeira parte do trabalho é fazer uma leitura de alguns textos da sociologia, alguns autores como Durkheim, Apple, Paulo Freire e as influências desses no conjunto do debate

¹ Doutor em Educação – PUC Minas.

científico da educação.

Na segunda parte, trazer presente pontos do projeto de pesquisa acima citado sobre o aspecto ético e a busca da autonomia através do pensamento de Kant e a conexão com a educação.

Na terceira parte, a preocupação é estabelecer a relação ética, social e profissional da educação ainda na formação acadêmica do professor e este apto a apreender e aprender elementos profissionais e éticos.

Sociologia e Educação: uma leitura crítica

A educação pode mudar a sociedade? (APPLE, 2017). Essa pergunta apresentada por Michael W. Apple levanta uma série de outras indagações na relação da educação com as transformações sociais, como por exemplo, a sociedade transforma a escola ou a escola transforma a sociedade? A escola é fruto da sociedade ou a sociedade é fruto da escola? A escola é a grande responsável pela educação? Qual o peso da educação na formação crítica do sujeito? Nessa linha de raciocínio busca-se estabelecer um diálogo com o pensamento de Immanuel Kant no que tange a ética e autonomia.

Antes de trabalhar a pergunta de Apple, é importante fazer um apanhado sobre alguns pontos da Sociologia da Educação e suas contribuições para o conjunto da aprendizagem institucional. A educação não deve ser tratada como mera coadjuvante do aprender e ensinar, ela trilha os aspectos teóricos com argumentos embasados na ciência, na pedagogia construída sobre os pilares epistemológicos. Ao longo da história, homens e mulheres buscaram aplicar o saber ensinar com metodologia específica, despertar no outro a capacidade de pensar, criar, construir e evoluir. Nesse sentido, a relação professor/aluno no ambiente escolar pode ser considerada o laboratório do saber, das experiências pedagógicas para a ampliação do conhecimento. Conhecimento este que proporcionará às partes fazerem dos seus espaços, lugares do pensar e da dialética.

A Sociologia da Educação procurou estar presente no debate educacional dentro da evolução social, priorizando o conhecimento. Por isso, alguns pensadores da educação têm a preocupação com a estrutura do currículo, como podemos ver na introdução do artigo de RIBEIRO E ZANARDI;

A concepção de conhecimento é fundamental para a compreensão do legado que se pretende transmitir para as gerações futuras. Nestes termos, o currículo emerge como valioso campo para a apresentação das várias concepções de conhecimento escolar e, conseqüentemente, possibilita o desvelamento da sociedade que se pretende construir. (RIBEIRO; ZANARDI, 2018).

Os autores trazem neste contexto, a preocupação com o saber. De que maneira este chega aos alunos e como deve ser transmitido? Pergunta essa que move uma série de propostas

educacionais, isto é, metodologia que proporciona um aprender com uma visão social crítica. Agora, cabe observar a intenção dos demais pensadores da educação envolvidos no processo, educar para transformar ou educar para manter um sistema de exploração.

Neste campo, do educar, a sociologia poderá ser uma grande aliada para abrir caminhos de investigação no sentido mais crítico e menos opressor. Na sociedade brasileira essa tarefa é difícil, mas não impossível, a luta é árdua e constante. Por isso quem se habilita a trabalhar como educador sabe da grande tarefa a desempenhar no transcorrer da profissão. Despertar em seu interlocutor, o aluno, o interesse pelo conhecimento, e de forma ousada, na tentativa de romper com certo conservadorismo que paira no ambiente escolar, na educação, principalmente no sistema de governo. Nessa perspectiva, o professor buscará agir conforme suas virtudes dentro da proposta de ensinar e aprender numa visão crítica. Por isso é importante trazer presente uma fala de Paulo Freire no texto “Virtudes do Educador”:

Gostaria de falar sobre um assunto, que como educador me preocupa muito. É sobre o que costume chamar de “Reflexão crítica sobre as virtudes da educadora ou do educador”.

Estas virtudes não podem ser vistas como algo com o qual algumas pessoas nascem ou um presente que uns recebem, mas como uma forma de ser, de encarar-se, de comportar-se, de compreender, tudo que se cria através da prática, na busca da transformação da sociedade. Não são qualidades abstratas, que existem independentes de nós, ao contrário, que se criam conosco (e não individualmente). (FREIRE, 1982/85)

Este fragmento retirado do texto elaborado na década de 80 chama a atenção no sentido de verificar que o ambiente escolar trilha na atitude virtuosa do educador há muito tempo, com pensadores da educação, sociólogos e pedagogos como Paulo Freire.

Embora Freire use o termo educador, neste trabalho será usado o termo professor, sendo este, no entanto, um educador. Essa virtuosidade se dá pela condição que o professor se coloca diante de seu compromisso com a educação na preparação dos alunos para o enfrentamento à realidade social. Agora, cabe ao professor buscar uma visão crítica dos fatos sociais, para posteriormente trabalhar com seus interlocutores. Nesse sentido, a Sociologia da Educação é uma ferramenta indispensável na formação de uma pessoa comprometida com a questão da cidadania, e dentro do ambiente escolar essa responsabilidade aumenta. Isso pelo fato de a escola contribuir no aspecto social, em mudanças, mas a escola sozinha não consegue mudar a sociedade, por isso, vários setores dessa mesma sociedade devem caminhar em sintonia com a instituição escolar. Mas uma forte crise toma conta da educação e sua repercussão no conjunto da sociedade. Com toda essa situação de desconfiança e desconforto há aquelas pessoas que buscam soluções cabíveis ao processo educacional.

Como expõe Apple:

Para aqueles profundamente comprometidos com uma educação digna do nome, a crise é palpável. Ela nos força a questionar se a educação tem um papel substancial a exercer no desafio a essa situação e na construção de uma sociedade que reflita valores menos egoístas, mais sociais e emancipatórios. (APPLE, 2017, p. 11)

No entanto cabe voltar à pergunta de Apple: “A educação pode mudar a sociedade”? Para respondê-la, o caminho a trilhar tem que ser seguro, mesmo que as controvérsias apareçam quem faz a opção carrega a convicção de transformação. E transformar algo significa mexer com estruturas fixas, construídas no decorrer da história, mas chega um momento que deve-se fazer algo em prol do conhecimento, da educação de qualidade.

Neste aspecto, a Sociologia da Educação com seus intelectuais aponta fissuras na sociedade que comprometem todo um projeto de emancipação do estudante, das pessoas envolvidas na dinâmica de ensinar. Aqui é importante fazer memória a Durkheim que nos apresenta os fatos sociais como coisa, algo que pode ser observado, especulado.

Assim, pois, o fato social é algo dotado de vida própria, externo aos membros da sociedade e que exerce sobre seus corações e mentes uma autoridade que os leva a agir, a pensar e a sentir de determinadas maneiras. É por isto que o “reino social” está sujeito a leis específicas e necessita de um método próprio para ser conhecido, diferentemente do que acontece no “reino psicológico” que pode ser entendido através da introspecção. Da perspectiva do autor, a sociedade não é o resultado de um somatório dos indivíduos vivos que a compõem ou de uma mera justaposição de suas consciências. Ações e sentimentos particulares, ao serem associados, combinados e fundidos, fazem nascer algo novo e exterior àquelas consciências e às suas manifestações. (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003. p. 62).

Ele tem característica de ser coercitivo. Todos os indivíduos obedecem à mesma dinâmica social, inclusive no quesito educação, onde as gerações mais velhas têm o compromisso de ensinar as mais jovens. (Cf. QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003).

Para tentar comprovar o caráter externo desses modos de agir, de pensar ou de sentir, Durkheim argumenta que eles têm que ser internalizados por meio de um processo educativo. Desde muito pequenas, lembra, as crianças são constrangidas (ou educadas) a seguir horários, a desenvolver certos comportamentos e maneiras de ser e, mais tarde, a trabalhar. Elas passam por uma socialização metódica e “é uma ilusão pensar que educamos nossos filhos como queremos. Somos forçados a seguir regras estabelecidas no meio social em que vivemos.” Com o tempo, as crianças vão adquirindo os hábitos que lhes são ensinados e deixando de sentir-lhes a coação, aprendem comportamentos e modos de sentir dos membros dos grupos dos quais participam. Por isso a educação “cria no homem um ser novo”, insere-o em uma sociedade, leva-o a compartilhar com outros de uma certa escala de valores, sentimentos, comportamentos. Mais do que isso, nasce daí um ser superior àquele puramente natural. E se as maneiras de agir e sentir próprias de uma sociedade precisam ser transmitidas por meio da aprendizagem é porque são externas ao indivíduo. (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003. p. 63).

Educar é uma obrigação, ou melhor, um dever, seja das famílias, do governo. Todas as instituições organizadas devem estar envolvidas no processo da transmissão dos valores e a educação é um valor a ser passado para todos. Todas as pessoas têm o direito de serem educadas, preparadas para ocupações da comunidade em que está inserida.

Desta forma, é possível perceber que a escola como instituição de ensino, contribui na

transformação da sociedade. Porém, a relação teoria e prática escolar são delicadas. Não há principalmente um compromisso do governo em melhorar o quadro da educação. Essa permanece “aprisionada” aos caprichos de uma categoria da sociedade que não quer ver mudanças, existe neste sentido uma política de desvalorização dos professores. Mais uma vez é necessário recorrer aos argumentos precisos de Apple, na tentativa de compreender através de sua teoria um entendimento dos fatos educacionais.

(...) Seu objetivo não é justificar um novo argumento que tudo abarca nem tampouco responder definitivamente à pergunta se a educação pode mudar a sociedade. De fato – isso se tornou claro para mim enquanto escrevia esta obra -, não há uma resposta absoluta, a não ser algo como: “Depende dos muitos, grandes e contínuos esforços feitos por muitas pessoas”. Isso pode ser frustrante para vocês e certamente o é para mim. Mas é honesto. (APPLE, 2017, p. 12)

Essa honestidade de Apple abre uma perspectiva de que é possível continuar na busca de uma solução para a crise educacional e social. Em outros pontos ele diz que “tudo isso associado a uma política de combate ao voto dos pobres, idosos, pessoas não brancas, ou seja, de pessoas deixadas para trás em uma sociedade que parece ter perdido seu caminho ético.” (APPLE, 2017, p. 15). Por isso sua honestidade em pretender responder a pergunta se a educação pode mudar a sociedade, apresenta uma motivação na transformação social através da educação, perder a utopia de educar é perder o sentido de ser cidadão, profissional da educação. Por isso é salutar buscar alternativas, programas e movimentos contrários à exploração humana.

Todos esses programas e movimentos testemunham a possibilidade de as escolas serem locais e instrumentos para a instauração de mais respeito às pessoas; não vê-las como consumidores, definidos pelos que compram, mas como sujeitos corresponsáveis, cocriando um presente e um futuro. Essas organizações podem ser utópicas em parte. Mas sua afirmação sobre a possibilidade de a educação ser usada para a transformação pessoal e social remete a uma longa tradição de sonhos e lutas... (APPLE, 2017, p. 24).

Seguindo essas colocações, e a chamada de atenção de não perder o caminho ético, tentar-se-á neste trabalho a tarefa de fazer uma leitura do pensamento de Kant e procurar dialogar com a Sociologia da Educação e com a Pedagogia. Há neste sentido a tentativa de responder à indagação de Apple, com relação à educação mudar a sociedade, mesmo porque ele teve uma convivência com Paulo Freire e este lutou pela autonomia da pessoa e da educação.

No próximo item, a abordagem se dará na questão de que a educação pode oferecer elementos na busca da autonomia. É importante continuar expondo o pensamento de Apple, onde ele explicita um pouco sobre sua convivência e experiência pedagógica com Paulo Freire, e também trazer presentes pontos do pensamento de Kant.

Educação e autonomia no caminho do diálogo

É interessante observar, quando as pessoas buscam a educação, para si ou para seus filhos o pensamento é torna-se seguro dos seus atos, sair de uma heteronomia e caminhar rumo à autonomia. Só que essa busca não é tão simples, exige um esforço comunal, perceber nas entrelinhas o que algumas instituições fazem com a educação, com os métodos de ensino, isto é, dificultar essa autonomia e como resultado uma alienação com relação aos aspectos sociais.

Segundo Apple; “em toda nação houve e há pessoas dedicadas a responder e agir diante das questões que formaram o coração deste livro” (APPLE, 2017, p. 48) – A educação pode mudar a sociedade.

Há aquelas que reconhecem que a educação não é uma atividade neutra, que ela está intimamente ligada a múltiplas relações de exploração, dominação e subordinação, e de forma muito importante com suas lutas para desconstruir e reconstruir essas relações. Em toda nação há pessoas que devotaram suas vidas na criação de novas visões de possibilidades educacionais e novas práticas para incorporá-las. Porém, alguns indivíduos são capazes de gerar visões que são tão poderosas, tão desafiadoras, tão instigantes, que se tornaram professores (utilizo esta palavra com maior respeito) de centenas, e até mesmo milhares, de pessoas, não somente em seu país, mas também em muitos outros. (APPLE, 2017, p. 48)

Prossegue Apple;

Não conheço ninguém mais impactante nesse aspecto do que Paulo Freire. O uso do verbo no tempo presente indica o quanto é difícil deixá-lo no passado. Ele era uma raridade “professor amigo”. Ele era importante para as muitas pessoas de tantos países que reconhecem que nossa tarefa é “nomear o mundo”, construir coletivamente uma educação anti-hegemônica. Educação como a parte maior do terreno de luta reconhecido como instrução. Quem deve controlá-la, e como a instrução crítica (o que ele chamava de conscientização) *era ligada a lutas reais de pessoas reais em relações reais e em comunidades reais*. Para ele, uma educação que não era ligada às lutas pela emancipação e contra a exploração não merecia esse título (FREIRE, 1970). (APPLE, 2017, p. 48)

É sabido que a educação para ter esse propósito, relatado no fragmento acima, seus propagadores, os professores deverão estar comprometidos com a promoção da autonomia de cada ser que o procura para ser educado.

Quem definiu o conceito de autonomia na modernidade e fez dele um conceito central em sua teoria foi Kant. Nesse ideal viu o fundamento da dignidade humana e do respeito, o que foi central para o desenvolvimento dos sistemas legais, dos sistemas educacionais e da sociedade moderna como um todo. A concepção kantiana de liberdade como autodeterminação influenciou muito a educação e o modelo escolar criado a partir da modernidade. Mas para entendermos melhor a concepção de autonomia de Kant, veremos também a concepção de autonomia defendida pela filosofia de sua época, o iluminismo.

Paulo Freire traz uma contribuição extremamente importante para a educação,

especialmente de países em que situações de opressão são características marcantes, como é o caso do Brasil. Ele formulou uma proposta educacional que procura transformar o educando em sujeito, o que implica na promoção da autonomia. Seu método propõe uma alfabetização, uma educação, que leve à tomada de consciência da própria condição social. A conscientização possibilitaria a transformação social, pela práxis que se faz na ação e reflexão. Teríamos, então, um sujeito emancipado de uma condição social opressora. Em Freire, a libertação das heteronomias, normalmente impostas pela ordem sócio-econômica-educacional injusta e/ou autoritária, é condição necessária para a autonomia. (ZATTI, 2007, p. 10)

Essa é a postura de professores dispostos a transporem um pouco da sua experiência para o terreno árido de escolas sem inspiração libertadora, isto é, absorver do exemplo de Paulo Freire, conscientizar o aluno a ser sujeito da ação. Neste sentido, é importante discutir no campo da autonomia, da educação, a questão ética que dá ao sujeito a capacidade de agir conforme seus preceitos. Essa é uma tarefa difícil, mas necessária. Educar é uma arte e com ética é o dever do professor, como falava o próprio Kant, “entre as descobertas humanas há duas difíceis, e são: a arte de governar os homens e a arte de educá-los. Na verdade, ainda persistem controvérsias sobre esses assuntos.” (KANT, 1999, p. 20). Educar é de fato um trabalho delicado, mas ao mesmo tempo prazeroso, no sentido de contribuir na emancipação da pessoa, dar-lhe a oportunidade de agir conforme suas convicções no conjunto da sociedade.

Seguindo esse formato apresentado por Apple, Freire e agora Kant implica que a boa e exemplar formação acadêmica do indivíduo que se predispõe a estudar, analisar e interpretar as leis da Educação e sua aplicabilidade deverá ser construída em bases sólidas. Desta forma, o caminho que o conduzirá a tal empreitada é a educação, essa dentro de um ambiente propício para o ensaio epistemológico e sua posterior execução. As teorias da Educação são representadas por importantes pensadores que constituem o alicerce dessa ciência.

O fundamental nessa análise mencionada no parágrafo acima é colocar a questão ética em evidência, uma vez que esse comportamento é imprescindível no cumprimento do dever, principalmente para o estudante da área da Educação que abraçará a profissão como sustentação da sua vida e manutenção da boa conduta enquanto operador do saber e sua eficácia constitucional. O enfoque versará sob a reflexão filosófica, sociológica e educacional.

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. (KANT, 1999, p. 19)

Sendo a educação uma arte, e lidar com infantes a responsabilidade é aumentada ao transmitir essa arte do ler, do escrever e interpretar os fatos da vida, já a partir da infância. Assim como a educação, a ética é também uma arte, e arte do bem viver, a mesma é aliada da liberdade.

Garantir o direito de liberdade ao indivíduo é obrigação do Estado, na medida em que este Estado estrutura suas normas em função do bem viver. Para tal situação manter-se equilibrada, há a necessidade de uma postura ética, por isso é importante entender o compromisso ético como uma arte do bem participar. Relata Antonio Marchionni:

A Ética é uma arte. Chamamos arte não apenas a pintura, a escultura, a arquitetura e a música, mas qualquer ato humano no qual reluz à sublimidade. A arte é genialidade criadora, síntese de razão-corpo-espírito, relâmpago divino, magia no estilo de pensar, falar, escrever, amar, trabalhar, educar, sorrir, semear, colher, vender, construir, inventar. Nenhuma ação humana existe, que não possa ser vivida com arte. Os estóicos gregos definiam a Ética como "a arte de viver". (MARCHIONNI, 2008, p. 17)

Continua o autor em sua exposição valorizando a arte da ética:

A arte, expressão física do pensamento, é feita de conhecimento e ação. Também a Ética, enquanto arte do agir, comporta estudo e prática. A Ética é uma investigação acerca do Bom e uma observância daquilo que foi entendido. (MARCHIONNI, 2008, p. 17)

Toda essa reflexão é para focalizar na questão da autonomia, uma vez que a própria Sociologia da Educação desperta para esse fim. Assim o ser ético é também autônomo. O professor consciente de seus atos pode participar de maneira autêntica das questões educacionais e sociais. Nesse aspecto, tanto Kant como Paulo Freire ratificam a importância da autonomia.

Na obra *Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paulo Freire*, Zatti expõe a questão da autonomia na busca e valorização do indivíduo e seu discernimento moral:

A educação não deve ser puramente mecânica e nem se fundar no raciocínio puro, mas deve apoiar-se em princípios e guiar-se pela experiência. A partir da pedagogia kantiana, podemos dizer que uma educação que vise formar sujeitos autônomos deve unir lições da experiência e os projetos da razão. Isso porque no caso de basear-se apenas no raciocínio puro, estará alheia à realidade e não contribuirá para a superação das condições de heteronomia e, no caso de guiar-se apenas pela experiência, não haverá autonomia, pois para Kant a autonomia se dá justamente quando o homem segue a lei universal que sua própria razão proporciona. (ZATTI, 2007, p. 31)

Desta forma, é compreensível insistir na formação ética a partir dos Cursos de Licenciaturas, dando ao estudante condições plausíveis para o bom desenvolvimento, da participação e compreensão da Teoria Educacional e sua aplicabilidade na vida, focando a principal tarefa da educação, preparar para o exercício da cidadania e da profissão. Como consequência, a formação vai gradativamente oferecendo ao indivíduo a autonomia de seus atos, do seu ser pessoa, professor.

Passar-se-á no próximo item à exposição da relação entre a ética na vida profissional do professor, mas a partir de sua formação ainda na academia.

A relação ética, social e profissional na formação acadêmica do professor

Construir o caminho profissional implica uma série de situações, tais como, conhecimento, treinamento, dedicação e, sobretudo, aprender e aplicar o que foi buscado no decorrer da formação.

Entretanto relata Zatti:

A tarefa central da educação é orientar um ser que não pode ser conhecido por não ter essência determinada, e que, por isso, pode tomar diferentes direções, o homem é livre e por isso ele pode ser educado. Mas, a liberdade está inclinada para o bem ou para o mal? Kant não fala em uma natureza humana exatamente má, mas o homem não nasce isento de vícios. No entanto, ao mesmo tempo em que nasce com disposição para seguir impulsos, vícios, o homem nasce com a lei moral dentro de si. (ZATTI, 2007, p. 32)

Cabe à instituição de ensino superior ter claro em seu seguimento formador a valorização da ética enquanto ciência do ethos. Como afirma o próprio Kant, “A única causa do mal consiste em não submeter a natureza a normas. No homem não há germes senão para o bem” (KANT, 1996b, p. 24). Seguindo esse raciocínio, compreendemos o papel fundamental do ser humano: cumprir o dever.

A decisão moral não deve obedecer a outra força, que não seja a pura luz categórica da vontade movida pela razão, quando esta diz: *deves!* Devem ser excluídos sentimentos e interesses. Se, por exemplo, faço a caridade ao pobre por dever, minha ação é moral; se o faço por compaixão, minha ação é apenas legal. A Moral é superior ao Direito: nenhuma lei civil conseguiria obrigar um marido amar a esposa. Por isso, a Ética de Kant é uma Ética do Dever, cuja voz ressoa peremptória e categórica na consciência: *deves!* (MARCHIONNI, 2008, p. 190)

Amparado por essa ideia do fragmento acima citado, pode-se afirmar que é dever oferecer ao estudante, elementos suficientes para que o mesmo se envolva no discurso ético e o assimile de forma categórica. Seu envolvimento não deve ser apenas enquanto interlocutor, mas sua postura deverá estar em sintonia com todo o percurso do curso e dentro desse a clareza do dever.

A filosofia neste aspecto contribuirá na abertura do diálogo com outras fontes de conhecimento, como a sociologia, por exemplo, mas o pensar a priori é ponto fundamental para o entendimento e posteriormente cumprimento do dever, por isso, o uso correto da razão, porque essa guia a vontade, como expõe o próprio Kant na Fundamentação da Metafísica dos Costumes:

Portanto, se a razão não é apta bastante para guiar com segurança a vontade no que respeita aos seus objetos // e à satisfação de todas as nossas necessidades (que ela mesma —a razão— em parte multiplica), visto que um instinto natural inato levaria com muito maior certeza a este fim, e se, no entanto, a razão nos foi dada como faculdade prática, isto é, como faculdade que deve exercer influência sobre a vontade, então o seu verdadeiro destino deverá ser produzir uma vontade, não só boa quicá como meio para outra intenção, mas uma vontade boa em si mesma,

para o que a razão era absolutamente necessária, uma vez que a natureza de resto agiu em tudo com acerto na repartição das suas faculdades e talentos. (Kant, p. 25)

No curso de licenciatura, a responsabilidade no cumprimento do dever cabe a todos os envolvidos. Dentro dessa estrutura, o mesmo deverá ser guiado pela razão. Neste caso, é importante ressaltar a importância e contribuição do pensamento de Kant, porque é presente em sua filosofia elemento da sensibilidade e da inteligibilidade no ser humano, daí o valor da educação na disciplina do indivíduo.

Como Kant pensa o homem enquanto participante do mundo sensível e do inteligível, propõe que a educação deve disciplinar para impedir que a selvageria, a animalidade, prejudique o caráter humano. Se nada se opõe na infância e na juventude, o indivíduo conservará uma selvageria a vida toda. Por isso a educação deve ter uma parte negativa que Kant chama de disciplina. A disciplina educa para a obediência. No entanto, a obediência possui dois aspectos: o primeiro deve ser obediência absoluta das determinações de um governante, e o segundo é a obediência à vontade que o próprio sujeito reconhece como racional e boa. ((ZATTI, 2007, p. 32)

Foi nesse trabalho a tônica de buscar elementos plausíveis para manter uma conduta digna, valorizar a educação, a filosofia, a sociologia como fontes inesgotáveis da reflexão em torno do cumprimento do dever, correspondendo com isso à postura ética. O dever é a necessidade prática incondicionada da ação e é válido para todos os seres racionais como diz Kant, e é lei para toda a vontade humana. (Cf. Kant, p. 64)

Observa-se que, dentro do princípio ético com Kant, a razão julga a própria razão pelos meios da razão, mas ela não chega a conhecer o ser. O homem vai conhecer aquilo que ele constrói; neste caso, mostra-se que a razão conhece através do entendimento.

A questão ética de Kant inicia-se com a Crítica da Razão Pura e é considerada terminada em a Crítica da Razão Prática. Num outro momento, os princípios desta ética são aplicados na Metafísica dos Costumes inserida nos problemas do direito e da virtude que são atribuídos à razão prática e à liberdade como norteadores da ética kantiana, o ponto estrutural dessa reflexão para o exercício da profissão do futuro profissional da Educação e seu envolvimento social.

Diante dessas colocações acima é preciso voltar à pergunta de Apple: “A educação pode mudar a sociedade?” É necessário que essa educação mude o sujeito e através dele ou dela as coisas podem acontecer no passar das aprendizagens. Na assimilação do que é ser ético, ser autônomo.

Segundo Apple no livro “A educação pode mudar a sociedade” a busca é pela transformação social, que implica autonomia.

Embora meu foco neste livro tenha sido a educação e suas conexões com processos de transformação social juntamente com múltiplas dinâmicas de poder, os argumentos e exemplos que expus foram baseados em uma moral e um compromisso político mais gerais, o que foi chamado de *igualitarismo democrático radical*. Isso se baseia na convicção de que o “igualitarismo robusto” é necessário

para uma vida pessoal e social próspera e cheia de realizações. Por causa disso, ela é guiada por impulso crítico que busca desafiar políticas e práticas sociais, econômicas e culturais que geram desigualdades nas condições materiais e sociais da vida dos indivíduos, limitando sua possibilidade de prosperidade. (APPLE, 2017, p. 248)

A educação aponta caminhos de possibilidades de mudanças, cabe a cada pessoa envolvida no processo buscar essa transformação, seja no campo político, econômico, social e cultural. O interessante é abrir espaço para uma visão crítica dos fatos e a educação bem aplicada poderá oferecer essas transformações. Não são mencionadas aqui as ideologias de manipulação e dominação. O pressuposto aqui é uma educação crítica, a qual forma para a vida de uma sociedade mais justa e igualitária.

CONCLUSÃO

A abordagem aqui desenvolvida foi justamente com o intuito de estabelecer uma relação da Sociologia da Educação com uma proposta de projeto de pesquisa, envolvendo ética e autonomia profissional na educação, o ser professor.

Trazer presente um pensador do século XVIII, Immanuel Kant para dialogar com autores contemporâneos como Paulo Freire e Michael W. Apple foi a proposta desse trabalho. Esta proposta foi e é explicitar que na educação, a busca pelo conhecimento, da formação, além do saber, este o é de maneira clara e objetiva, com abertura crítica para as situações sociais, políticas, econômicas e, sobretudo éticas. Tecer uma rede de relações culturais entre a busca do conhecimento e posteriormente transmiti-lo a alguém, aquela pessoa desprovida de algumas habilidades cognitivas, principalmente proporcionadas pela escola, a instituição do saber. É obvio que existem saberes apresentados pelo ambiente cultural, mas a escola representa a formação especializada.

Então, neste sentido a formação ética do futuro profissional da educação, o professor, os pedagogos são indispensáveis para fazer da educação um caminho de transformação da sociedade. Porém a educação sozinha não é capaz, precisa de outras instituições na construção da autonomia do sujeito que compõe a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael. **A Educação pode mudar a sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo: **Virtudes do Educador**. São Paulo: Veredas, 1982/85.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. (Trad. Paulo Quintela) Lisboa: Edições 70, 2002.

KANT, Immanuel. **Metafísica dos Costumes**. (Trad. José Lamego). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. 2 ed. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.

MARCHIONNI, Antonio. **Ética – a arte do Bom**. Petrópolis: Vozes, 2008.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia e OLIVEIRA, Márcia Gardenia. **Um toque de Clássicos – Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: Editora UFMG: 1996.

RIBEIRO, Márden de Pádua; ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. **As concepções marxistas da pedagogia histórico-crítica de Dermeval Saviani em relação à temática do conhecimento: contribuições ao currículo**. Educ. rev. vol.34, Belo Horizonte, 2018, Epub 04-Jun-2018.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.